

A crítica machadiana durante a ditadura civil-militar brasileira

Gabriela Manduca Ferreira

Resumo

A presente comunicação visa aproximar-se da crítica literária sobre Machado de Assis produzida durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), tendo por base o entendimento de que a crítica literária do período foi marcada por esse momento histórico decisivo. De modo articulado e paralelo à recepção crítica, decretos, pareceres, publicações, traduções, adaptações e notícias de solenidades comemorativas relacionadas a Machado de Assis no período indicam uma mobilização no sentido de reafirmar o escritor como central no cânone literário brasileiro. A consagração de Machado de Assis pelo Estado, cuja ofensiva se iniciara no Estado Novo (1937-1945), durante a ditadura civil-militar ocorreu sobre outras bases, pois contou com a difusão em massa de determinada imagem de Machado de Assis e se desenvolveu no âmbito de consolidação da indústria cultural no Brasil. Por isso, a apreensão das principais características da crítica machadiana durante a ditadura civil-militar brasileira discute a posição central de Machado de Assis no cânone literário brasileiro e também o significado da literatura brasileira no projeto modernizador empreendido pelo regime militar. Além disso, houve, nesse período, por parte da crítica literária, o desenvolvimento de importantes interpretações da obra de Machado de Assis que, embora diversas e algumas vezes divergentes, construíram as atuais leituras da obra machadiana. Desse modo, o estudo investiga importantes interpretações da obra machadiana construídas por críticos literários como Alfredo Bosi, Jean Michel-Massa, Luiz Costa Lima, Raymundo Faoro e Roberto Schwarz, articulando-as às mobilizações emanadas do Estado para consagração de Machado de Assis e à realidade política dos regimes autoritários brasileiros.

Palavras-chave

Machado de Assis; crítica machadiana; ditadura civil-militar

1 Doutoranda do Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da FFLCH/USP. Bolsista Capes. E-mail: gabi_manduca@yahoo.com.br.

Esta comunicação é parte de pesquisa de doutorado em andamento que visa o estudo da crítica machadiana durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e tem por base a afirmação de que a crítica literária do período foi marcada por esse momento decisivo do país. O estudo corrobora, portanto, a ideia de que “a realidade política do período [pós-64] deixou marcas em grande parte da produção literária pós-64” (OTSUKA, 2001, p. 14) e tem por hipótese que essas marcas também se revelam na crítica literária.

Adota-se como objeto a crítica literária machadiana, compreendendo Machado de Assis como um escritor central na literatura brasileira, cujas interpretações foram e são capazes de mobilizar e, em alguns momentos, polarizar os críticos literários. Segundo Antonio Candido (1970), Machado de Assis é um dos grandes escritores em cuja obra “é mais visível a polivalência do verbo literário” (CANDIDO, 1970, p. 68): essas grandes obras “são extremamente ricas de significado, permitindo que cada grupo e cada época encontrem as suas obsessões e as suas necessidades de expressão” (CANDIDO, 1970, p. 68).

No mesmo sentido, ao tratar da “consagração atual de Machado de Assis” (SCHWARZ, 2012, p. 20), Roberto Schwarz afirma que tal consagração “é sustentada por explicações opostas” (SCHWARZ, 2012, p. 20), indicando que as leituras de Machado de Assis, ainda hoje, são “leituras em competição”.

Desse modo, “nossa visão moderna” (CANDIDO, 1970, p. 20) de Machado de Assis, isto é, os consensos e dissensos com que nos deparamos atualmente no estudo machadiano são construções históricas. E, portanto, ampliar a compreensão da recepção crítica durante este período de modernização conservadora no Brasil importa por discutir não apenas a posição central de Machado de Assis no cânone literário brasileiro, mas também o significado da literatura brasileira no projeto modernizador empreendido pelo regime militar.

O período da ditadura civil-militar brasileira é aqui compreendido como o de um regime no qual, embora com procedimentos diversos ao longo de seus diferentes momentos (emergência, consolidação e crise), afirmou-se, de modo geral, uma tendência de desenvolvimento econômico, social e político com vistas à “modernização conservadora”

(FERNANDES, 1974) do país, operando uma “reprodução ampliada” que esboçou, como saldo, uma sociedade de características bastante diferentes daquelas existentes quando do golpe, em 1964.

Sustentamos a hipótese de que na ditadura militar o processo de consagração oficial de Machado de Assis como o maior escritor brasileiro (que ganhou força a partir de 1939, durante o Estado Novo e em função das comemorações do centenário de nascimento de Machado de Assis) alcançou seu auge por meio da consolidação de um mercado de bens culturais no Brasil e da formação de uma cultura de massa. Afirma Renato Ortiz (1988):

Durante o período que estamos considerando, ocorre uma formidável expansão, a nível de produção, de distribuição e de consumo da cultura; é nesta fase que se consolidam os grandes conglomerados que controlam os meios de comunicação e da cultura popular de massa. (ORTIZ, 1988, p. 121).

É preciso considerar, desse modo, que tanto a crítica literária como as comemorações e homenagens oficiais no pós-64 foram produzidas no “âmbito internacionalíssimo da comunicação de massas” (SCHWARZ, 2005, p. 116), provavelmente capaz de modificar o processo de consagração de Machado de Assis operado durante o regime militar.

Por isso, cabe, inicialmente, citar algumas das comemorações e homenagens a Machado de Assis promovidas pelo Estado entre 1964 e 1985 a fim de demonstrarmos a especificidade desse período. Por exemplo, em 1968, o sexagésimo aniversário de falecimento de Machado de Assis foi comemorado com uma exposição na Biblioteca Nacional baseada no acervo da coleção Plínio Doyle e com o lançamento da edição comemorativa da *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.

No ano seguinte, um sarau na Academia Brasileira de Letras, “com a presença da maioria dos acadêmicos e de personalidades do mundo literário, artístico, diplomático e político” (*Jornal Carioca*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1969) comemorou o centenário de casamento de Machado de Assis com Carolina.

Uma coedição do INL com editoras privadas promoveu o lançamento de obras

machadianas a preços populares, a começar pelo romance machadiano *Helena*, em 1971.

Em 1973, fora de uma efeméride machadiana, em “cerimônia que comemorou o nono aniversário da Revolução de março de 1964” (*O Globo*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1973), um busto de Machado de Assis foi inaugurado no Serviço Cultural da Embaixada Brasileira em Paris. E um projeto de lei aprovado pela Câmara dos deputados em 1976 declarou Machado de Assis o patrono das Letras nacionais.

Novidades desse período foram as adaptações de obras machadianas para o cinema (anteriormente, apenas o conto *Um apólogo*, em 1939, e o conto *Noite de Almirante*, em 1961, haviam sido adaptados para o cinema): *O Alienista*, em 1971, *A causa secreta*, em 1972, *Confissões de uma Viúva Moça*, em 1975, *Missa do Galo*, em 1982; e o romance *Iaiá Garcia*, em 1978. E também a adaptação do romance *Helena* para a TV, em 1975, inaugurando a chamada “Faixa Nobre” (GUIMARÃES, 1995).

Ao observar tais homenagens verifica-se que a consagração do escritor pelo Estado, cuja ofensiva se iniciara no Estado Novo (1937-1945), na ditadura civil-militar ocorreu sobre outras bases, para além do Estado, e contou com o poder do mercado para a difusão em massa de determinada imagem de Machado de Assis, desenvolvendo-se no âmbito de consolidação da indústria cultural no Brasil e desvinculando-se das datas comemorativas relacionadas diretamente a Machado de Assis para mobilizar a imagem do escritor em eventos comemorativos do próprio regime, o que não havia ocorrido até então.

Por parte do Estado, tratava-se, de todo modo, de movimentos de mobilização oficial com vistas à consagração de Machado de Assis. Na realidade, à consagração de determinada imagem de Machado de Assis que, voltando-se mais à vida do escritor do que à sua obra, erigia um Machado de Assis de moralidade irrepreensível e de obra incomparável, o grande escritor brasileiro, louvado na ditadura civil-militar como “indubitavelmente o maior nome da Literatura do Brasil” (justificativa do Projeto de Lei 574/1975).

Não por acaso, já que em reação e articulação à imagem oficial de Machado de Assis construída no regime militar, essas décadas foram também um momento em que

os estudos sobre Machado de Assis passaram por uma inflexão, pois o escritor tornou-se objeto também de uma ofensiva crítica, na qual se debruçaram sobre sua obra e sua vida importantes intelectuais, responsáveis por construir algumas das principais interpretações críticas de Machado de Assis. Pois foram críticos como Alfredo Bosi, Jean Michel-Massa, Luiz Costa Lima, Raymundo Faoro e Roberto Schwarz que tomaram Machado de Assis como objeto de estudo.

Por isso, o presente estudo corrobora as afirmações de que “a memória da ditadura militar brasileira se impõe como um problema fundamental para a crítica literária” (GINZBURG, 2009, p. 199) e de que “ainda há muitas contas a acertar com nosso passado recente” (OTSUKA, 2001, p. 16).

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Difel, 1974.

GINZBURG, Jaime. A ditadura militar e a literatura brasileira: tragicidade, sinistro e impasse. In: OLINTO, H. K; SCHOLLHAMMER, K. E. *Literatura e crítica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Literatura em televisão: Uma história das adaptações de textos literários para programas de TV*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) Unicamp, Campinas, 1995.

OTSUKA, Edu Teruki. *Marcas de catástrofe: experiência urbana e indústria cultural em Rubem Fonseca, João Gilberto Noll e Chico Buarque*. São Paulo: Nankin, 2001.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: _____. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.